



REFLETINDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS NOS ESPAÇOS FORMATIVOS A PARTIR DO PENSAMENTO FREIRIANO

Pâmela Saraiva Miranda¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande/PPGEA/FURG/ ms.pamelasaraiva@gmail.com

Resumo: Refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula é necessário para compreender como os estudantes que se inserem nos espaços formativos estão sendo, pertencentes ou não ao coletivo social. O artigo visa apresentar um diálogo Freiriano ao refletir sobre as práticas pedagógicas onde, alcançamos como resultados que a formação permanente é necessária.

Palavras-chave: Práticas, Educação, Reflexão, Paulo Freire.

1. Introdução

Como falar sobre contextos educativos (educação, processo educativo, práticas pedagógicas libertadoras, emancipação do ser humano, liberdade e autoridade) sem problematizar de forma sistêmica todo esse cenário? Não temos como pensar o processo educativo sem considerar o que há no entorno deste movimento, ou seja, o todo que o envolve e é envolvido. Desta maneira, é impossível realizar esta escrita sem articular outros aportes teóricos que convergem para as compreensões de concepções teóricas, epistemológicas e metodológicas que tecem temáticas próximas, da mesma maneira é difícil falar em processo educativo sem refletir as práticas tradicionais e emancipatórias de ensino, não como forma de comparação, mas de análise qualitativa dos resultados obtidos ao final do processo educativo a partir da reflexão pelas e com as práticas pedagógicas desenvolvidas nos espaços



A partir do quadro apresentado na Figura 1, é possível analisar o quanto as práticas desenvolvidas dentro do ambiente escolar influenciam no desenvolvimento dos seres humanos em sociedade. Abrirmos a reflexão tencionando compreender o significado dos conceitos de autoridade, autoritarismo e liberdade mencionados pelo texto do educador Gomercindo Ghiggi (2000), que incluídos dentro do processo educativo tomam significados e posições sendo, opostas ao autoritarismo.

Inicialmente, vamos falar sobre a Educação Bancária (FREIRE, 2003): o sujeito que advém deste processo não faz parte da construção e planejamento. Este modelo pedagógico não tem a intenção de trazer o educando para fazer e ser parte do processo educativo, neste contexto o educando é um mero receptor dos saberes aos quais os educadores julgam serem necessários que aprendam. Trazendo conhecimentos abstratos, que não serão significados e sim memorizados para posteriormente, serem esquecidos. Dificilmente o educando conseguirá enxergar utilidade prática de tais saberes, não sendo então útil para sua vida e sim necessário para sua aprovação na disciplina. Concordando com Freire, quando salienta em uma de suas passagens sobre educação bancária que:

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receber os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 2003, p.58).

Diante desta concepção pedagógica e a metodologia apresentada, abarca que os sujeitos que se constituem enquanto cidadão são sujeitos que não são preparados e incentivados a tomarem consciência do contexto vivido assim sendo, são acostumados a aceitarem suas atuais condições de vida, submetendo-se às ordens,



direcionamentos e comandos, sem autoridade, autonomia, liberdade e perspectiva de vida que visa a transformação do atual contexto histórico. Neste sentido, o professor impõe seu autoritarismo diante dos educandos, tornando-os sujeitos adaptáveis a realidade vivida, capazes de se enquadrarem ao contexto presente conforme as necessidades impostas pelos opressores, reforçando então seu papel social enquanto, oprimido sem tomar consciência disso (FREIRE, 2003).

Os educandos para deixar de serem oprimidos necessitam tomar consciência crítica a partir do que vivem já, a concepção bancária de educação impossibilita a formação de sujeitos que pensam sua forma de ser e estar no mundo, inviabilizando desta maneira sua progressão na direção do “SER MAIS”, não mostrando os caminhos possíveis para a autoridade subjetiva e a liberdade coletiva. Contudo, visa preparar os sujeitos para o mercado de trabalho, onde a necessidade de exercer atividade remunerada possa suprir suas necessidades enquanto, ser humano deve ser maior do que as condições ofertadas para tal fato, desta maneira o sujeito vive sobre o domínio de um autoritário que estabelece as suas condições e formas de vida, não superando as situações limites.

Em contramão a concepção mencionada acima está a educação libertadora com o objetivo de pensar a vida em sua totalidade, diante, com e pela própria realidade, pois coloca sob suspeita as condições de trabalho, de vida e de sociedade e então, começa a tomada de consciência em busca de uma ação transformadora. Esta concepção de educação visa o desenvolvimento pleno de um ser humano crítico e atuante através do diálogo e da construção coletiva a partir dos problemas sociais, econômicos e políticos vivenciados cotidianamente onde, busca partir do concreto para o abstrato os temas geradores. Buscando desta forma não somente a compreensão dos problemas enfrentados individualmente e coletivamente, mas a



reflexão sobre a problemática traçando possíveis caminhos para a sua superação, ou seja, visualizando as situações-limites transpondo-as e objetivando o inédito viável (FREIRE, 2003). Percebemos então, que a Educação Libertadora não acomoda e não é estática, se movimenta em várias direções que acompanham as transformações dos contextos sociais, ambientais, econômicos e políticos. Trazendo os seres humanos para dentro da sociedade, possibilitando o sentimento de pertencimento no e com o mundo, de sociedade e na coletividade.

3. Conclusão

Concordando com o autor Ghiggi (2000); Freire (2003) é preciso formar educadores críticos e comprometidos com o real sentido da educação esse é o papel social, não só da escola, mas, da sociedade como um todo. Acredito que refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula promove um processo de autoquestionamento, sobre as concepções epistemológicas e pedagógicas que precisamos estar dispostos a assumir enquanto, educadores.

É o pensar sobre e pela intencionalidade que é pedagógica a partir de uma prática que queremos compartilhar diariamente com os educandos dentro e fora dos espaços formais. É possível concluir que o professor não pode ser autoritário diante de suas práticas em sala de aula pois, o processo educativo deve se estabelecer na coletividade, com a contribuição de todos almejando e encontrando desta forma práticas sociais transformadoras pelo e com o sentimento de pertencimento de mundo, de sociedade e de coletividade, dentre outros resultados que só podem ser alcançados a partir da reflexão e da educação libertadora.



Referências

FREITAS, André Luis Castro de. FREITAS, Luciane Albernaz de Araujo. A vocação Ontológica do 'ser mais': 'Situações- limites' - Aproximando Freire e Vieira Pinto. RPGE– Revista online de Política e Gestão Educacional, v.21, n.2, p. 432-448, maio-ago/2017. Disponível: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9964>>. Acesso em 05 jun. 2018.

GHIGGI, Gomercindo. O fundamento político do exercício da autoridade na aventura ética da formação para a liberdade. Umberto ECO. O bug da memória. Folha de São Paulo. São Paulo, Mais! 2000. Disponível: <<http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/seminarios/mesa12-b.pdf>>. Acesso em 05 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 37.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.